



## O JARDIM ESPECULATIVO<sup>1</sup>

THE SPECULATIVE GARDEN

**Erin Manning**

Tradução: Bianca Scliar

 <https://orcid.org/0000-0003-3406-8647>

<sup>1</sup> Ensaio publicado originalmente em inglês no livro Manning, Erin. *Out of the Clear*. Colchester / New York / Port Watson, Ed: Minor Composition, 2023. Disponível em <https://www.minorcompositions.info/?p=1165>

## O JARDIM ESPECULATIVO

### Resumo

O Jardim Especulativo é um dos textos que compõem o livro *Out of Clear*, onde a filósofa, artista e ativista Erin Manning ensaia sobre os desafios e descobertas oriundos da instauração do 3Ecologies Institute, centro de pedagogias transversais, advindo do *Sense Lab*, sediado na vila de Saint-Anne du Lac, (Quebec, Canada). A partir dos aprendizados e caminhadas que incluem o plantio, manejo e a poda das árvores no 3E, a autora formula a noção de *valiação*. Manning sublinha a importância em desfazer as distâncias entre sujeito e natureza, práticas culturais e gestão dos recursos e questiona o escalonamento de soluções diante do colapso ambiental. O trabalho nos confronta a profundidade das raízes da branquitude instaurada sobre os modos com os quais nos relacionamos com a terra.

**Palavras-Chave:** filosofia especulativa; pedagogias radicais; ecologia; distantismo.

## THE SPECULATIVE GARDEN

### Abstract

The Speculative Garden is part of the book *Out of Clear*, where philosopher, artist and activist Erin Manning essays through the challenges and discovers that arise with the 3 Ecologies Institue, center for transversal pedagogies that was founded after the Sense Lab, located at the village of Saint-Anne du Lac (QC, Canada). From the walks and learnings with Remy, responsible for the activities of land care, including cutting down the trees at the 3E, the author elaborates the notion of valuation. Manning underscores the importance of undoing the distances between subject and nature, cultural practices and natural resources management as it questions the upscaling of solutions for the emergent environmental collapse. This work provokes us to face the depths of the roots of whiteness installed in the modes through which we relate to the earth.

**Keywords:** speculative philosophy; radical pedagogies; ecology; distantism.



Descartes teve que recorrer a Deus para mobilizar seus corpos.  
(Alfred North Whitehead)

Não importa o que você faça, não tente fazer do mundo um lugar  
melhor; em vez disso, considere que o mundo pode  
estar tentando fazer de você um lugar melhor.  
(Bayo Akomolafe)

## Parte 1

### *Cena 1*

As árvores são um assunto. Nós o convidamos para fazer o corte. Os painéis solares estão sombreados pelas árvores mais altas. É preciso tomar decisões. Não podemos cortar todas. Quanta energia é suficiente?

Sustentável: capaz de ser suportado; que continua a existir.

Os painéis solares estão realmente no lugar errado. Mais dinheiro deve ser investido para elevá-los, empurrá-los para além da altura da copa das árvores. É estranho esse impasse com a floresta, junto com o desejo de reduzir a queima de combustíveis fósseis, de não precisar do gerador naqueles dias nublados, quando o sol simplesmente não consegue nos alcançar.

Ele chega e ficamos na beira do penhasco olhando para o rio. Quais árvores devem tombar? Ele aponta para as árvores. Acenamos com a cabeça. Ou mudamos de ideia. Não, essa bétula não, ela é tão bonita. Não existe um ponto de vista racional. Um pouco de sombra trazida por esta não é tão ruim, é? Mas essa, sim, essa deve sair. Abaixo as coníferas!

Vou até onde ele está. Ele não fala muito. Em vez disso, mantém suas mãos na frente de seus olhos, imitando o gesto de tirar uma fotografia. Sim, ele diz.

Há um caminho aqui, eu digo. Podemos tirar as árvores caídas do caminho? Eu adoro o musgo. Ele olha para baixo. Sim, ele diz, vamos nos certificar de que o caminho permaneça. O cachorro corre ao nosso redor, animado com o som da motosserra.

### *Cena 2*

Estamos frustrados. O sol ainda não está suficientemente alto no céu. O mês de novembro no norte é difícil para as instalações solares. Teríamos que cortar todas as árvores - ou pelo menos suas pontas para aproveitar esta luminosidade fraca. Ele ainda está cortando, movendo, selecionando. De vez em quando eu o vejo de pé, olhando em volta, com seu olhar fotográfico examinando os arredores. Às vezes, ele compartilha algo que



está vendo. É difícil de entender. Algumas pessoas me dizem que há nisso um contexto. Acho que é neurodiversidade. Ele sente a floresta e para isso não há palavras.

Agora ele está cortando em toras as árvores que foram derrubadas. Desde que compramos a terra, a madeira tem sido nossa companheira mais constante. Houve já um dia em que não passamos cortando/dividindo/carregando/empilhando/queimando madeira?

O sol continua baixo. Voltamos várias vezes à beira desse pequeno penhasco, desejando que o sol se eleve.

### *Cena 3*

O que ele vê? Qual é a visão-sensação da floresta, na floresta? Eu o acompanho até a parte mais antiga da floresta de bordo, onde várias árvores tombaram sobre as tubulações suspensas por onde coletamos a seiva. A facilidade do fluxo da seiva em mover-se nas tubulações é inversamente proporcional ao trabalho necessário para mantê-las suspensas, mediante a queda das árvores. Comprei uma pequena motosserra, mas a verdade é que não consigo ver a floresta.

Eu ando atrás dele e ouço seu monólogo silencioso, sua linguagem, como sempre, quase ininteligível. Eu o vejo examinando, segurando suas mãos como se fossem uma câmera na frente dos olhos, capturando o campo em seu enquadramento. Ele diz algo sobre as madeiras de faia. Será que entendi corretamente que sua acidez é prejudicial para o bordo? Continuamos a subir a colina, verificando cada tubo à medida que passamos por eles. Sim, ele afirma, apontando para uma árvore grande. Essa precisa ser derrubada. Veja, ela não está saudável. Ela cairá em um ano. Veja, esta não pode florescer. Sim, para o chão.

O cão corre em círculos, às vezes regressa para nós com um galho. Sempre que ele vê uma árvore inclinada para cair sobre os caminhos dos tubos, ele para. Ele procura por ângulos gravitacionais e se pergunta sobre a direção do vento. Ele sabe como derrubar a árvore para que ela caia onde precisa. Ele também sabe quando deve deixá-la em paz.

### *Cena 4*

Os lenhadores do norte de Quebec vivem em uma economia de subsistência que é amplamente extrativista. No entanto, a sintonia entre eles é muito mais acurada do que a minha no que concerne ao que deve ser deixado em pé e ao que está impedindo a capacidade de prosperar da floresta.



As mãos-espelhadas veem ambos. Elas veem e sentem o que está impedindo o caminho e o que anima-se em potencial. Apesar de todas as extrações que fizeram, eles sabem como reconhecer um ambiente saudável e têm prática no respeito por sua majestade. Seu olhar não é melancólico. Sustentabilidade não é sua linguagem. A floresta é o seu sustento. E, no entanto, seria equivocado dizer que sua abordagem não é ecológica em seu cuidado com o entorno. Eu me pergunto como equilibrar a postura extrativista de subsistência com a sensibilidade no enquadramento do campo? Como evitar cair em uma postura moralista, erigida no tudo ou o nada a despeito de uma noção imaginária de um ambiente intocado e primitivo?

### *Cena 5*

Ouvimos as conversas sobre o "retorno à terra". Muitas vezes, isso acontece quando falamos sobre o projeto de terra do 3E. O que é esse "retorno"? O que é essa terra que povoa as margens, que vive além do asfalto?

Não voltamos para a terra<sup>2</sup>. Entramos na floresta para conhecer melhor a floresta-nos-calçamentos. O distantismo impera nessa estranha inadequação do aqui e do ali. Distantismo é o termo que John Lee Clark dá ao relato capacitista, oclarcêntrico, através do qual a existência atribui valor a si mesma (2017). Distantismo é a pressuposição de que o mundo ocorre na forma de imagens que nos situam, prontas e distantes, onde adentramos. Distantismo é a valia que damos a tudo o que já tem seu lugar, nossos corpos, enquanto agentes dos atos que diagonalizam o mundo, são o espaço deixado intacto nesta travessia, corpo deixado de pé, uma montagem perpendicular intocada.

Com as mãos na frente dos olhos, o campo da floresta emoldurado, pode ser tentador enunciar uma qualidade baseada no distantismo. Seria isso que ele está buscando, ao examinar a floresta em busca do que precisa ser eliminado? Acho que não. O gesto, parece-me, é relacional antes de ser limitador. E, de qualquer jeito, o corpo nunca permanece ereto - ele se inclina, tomba, se agacha. O objetivo não é selecionar, mas amplificar, ver-sentir a abundância na sobreposição corpo-mundo. Sintoniza-se com a paisagem não pela distância espacial. Ela é sentida na trama de seu entorno emaranhado.

O distantismo despreza o emaranhado. Suas apostas são coloniais: dividir e conquistar. Na visão geral, não há heterogeneidade, não há nada para se cuidar. Corte-o. Limpe. Abra caminho.

---

<sup>2</sup> “Coloque de lado as visões de retorno a terra e apenas pense na terra- algumas vezes selvagem, algumas vezes urbana,e muitas vezes devastada ecologicamente” (Simpson, 2017, p. 195, tradução nossa).



## Interlúdio

O distantismo enquadra a existência sem as mãos-frente-a-face. Clark reorganiza a figura do interventor na cultura surdo-cega. Para que serve esse mediador, esse interventor, que facilita o acesso dos surdos-cegos? Ele é o navegador de distâncias. Ela lhe diz, antes mesmo que você possa perguntar, o que há para ver-ouvir, à distância. Seu objetivo não é te influenciar mas oferecer “tal qual”. Sem te influenciar, ela é seu apoio distantista do mundo, entregando-lhe o mesmo a gota-gotas. Você chegará a sentir que o mundo é só isso, essa distância. Ele tem boas intenções, mas, na verdade, ele é o representante do aspecto mais esgotado da existência: a logística. Porque lembre-se: seu papel é permanecer na objetividade, ficar ao lado enquanto te sustenta, dirigindo você, mantendo-o afastado do que está acontecendo. Porque, mesmo com as melhores intenções, o mundo no qual ele o conduz é um mundo que teme imensamente sua sensação metatátil, um mundo cujo conhecimento e organização sistêmica do que conta como um corpo é neurotípica. O interventor, em sua crença neurotípica de que caminhar rigidamente através do espaço, com o corpo desatracado, garantirá acesso mais direto à existência, fará isso sem relutar. Sem sentires, seu mundo será reduzido a esse esquema empobrecido de coordenadas, salpicado com relatos oculocêntricos daquilo que permanecerá fora de alcance.

Distantismo é mediação. Ele vive e se beneficia das crenças de que não existe um mundo que ainda não tenha sido contabilizado. E ele conta sua história simplisticamente: o sistema de propriedade exige que nos movamos pelo mundo sem muito atrito. A clivagem corpo-mundo.

## Parte 2

### *Cena 1*

O gesto novamente: as mãos diante da face, a floresta é puxada para dentro, seu emaranhado é sentido. Ele sorri. Sim, ele diz.

Esse gesto especulativo traz consigo um apetite para ver-sentir a floresta de forma diferente. No ato de enquadrá-la uma colheita para dentro ocorre. Esta colheita, que cria planos de fundo e de destaque, produz uma seleção. Essa seleção é ativa: o enquadramento da mão não tem a intenção de ser estável. Seu objetivo é criar um ângulo na qualidade singular da floresta. Há a busca por um efeito de movimento nesta seleção. O que está se orientando nesta direção é o campo relacional deste ângulo específico.

Na floresta, uma vista selecionada se parece muito com outra para o observador não treinado. O que a seleção no gesto de enquadramento faz é permitir uma certa análise



do que de fato é um ambiente extremamente variado. O que para um corpo florestal não intuitivo parece relativamente estático é vertiginoso, repleto de micromovimentos. O gesto não é de domesticação, mas de indução. Ver-sentir os movimentos é sintonizar ao que pode ser colhido do campo.

Alfred North Whitehead chama, curiosamente, essa ação de coleta-da-intensidade de *razão*. A função da razão, ele escreve, é "promover a arte da vida" (1958, p. 4). A razão sempre pareceu ser precisamente o conceito errado para essa atividade de subtração que acentua a existência. Às vezes, ele chama sua extremidade mais criativa de "apetição dos apetites" (p. 33). A razão especulativa tem a qualidade de um *agenciamento*, uma coleta do que se disponibiliza. Valiação<sup>3</sup> emergente?

A valiação emergente - a força da razão em seu extremo mais especulativo - faz sua seleção em um ethos da pragmática da inutilidade, o que quer dizer que ela co-compõe em um ambiente para produzir uma qualidade de vitalidade, um modo de existência ainda não vinculado às modalidades de uso da existência previamente determinada.

Valiação emergente: aquela qualidade que desfaz o esperado, produzindo condições para a atribuição de valor. Razão em desrazão no apetite por aquilo que mobiliza e reorienta.

## Cena 2

A valiação emergente acentua a existência. É a força de uma fenda que reorienta, derrubando as expectativas. Na floresta, duas tendências estão continuamente em ação. Uma delas é a degradação, a decadência. A outra é a da exaltação. A primeira tendência é pragmática, a segunda especulativa. A força desta trama elástica é o pragmatismo especulativo - uma precisa da outra. O que está sendo apontado no enquadramento não é nada tão simples como o binarismo morte-vida. Uma qualidade da existência entra em sintonia com o que excede toda noção simples de decadência versus crescimento, ou qualquer noção de que a decadência não seja também um processo complexo. Em ambos os limites o mundo passa por mudanças e seu processo está repleto de potencial.

Sustentabilidade é sempre o termo errado para esse excedente da vida-vivida em si mesmo. Não se trata do denominador comum de resistência, de modos de vida quase não melhores do que os fundamentos básicos da vida. O que é sentido e visto no

---

<sup>3</sup> NT: Valiação é o termo escolhido para substituir Valuation, que alude ao preceito Nietzscheano que em português foi traduzido ora por transvalorização, ora por valorização de tudo. Em conversa com a autora, optei por evitar a terminologia mais próxima, valorização, ou ainda avaliação, etc. que enfatiza a conotação de um sujeito atribuindo valor sobre algo. Aqui, o processo é intrínseco ao acontecimento ao qual se refere.



enquadramento é como a floresta excede as expectativas; como sua exuberância é o que a define.

Qual é a artisticidade da vida? A valia da vida deve se limitar à longevidade? Onde a arte da existência se expressa? Para Whitehead (1958, p. 4), qualquer noção de “sobrevivência do mais apto” deve ser entendida como uma falácia. A arte da vida não pode ser reduzida ao que resiste. Viver muito não significa necessariamente viver bem: "a arte da vida é em primeira instância estar vivo, em segundo lugar, estar vivo de forma satisfatória e, em terceiro lugar, alcançar o aumento na satisfação. É nesse ponto de nosso argumento que temos de voltar à função da Razão, ou seja, a promoção da arte da vida" (Whitehead, 1958, p. 8). A arte da vida é mais do que longevidade - é prazer, exceder a si mesmo, força especulativa. "De fato, a vida em si mesma é relativamente deficiente de valor na sobrevivência. A arte da perseverança é estar morto" (Whitehead, 1958, p. 4).

Na floresta, a sobrevivência certamente está em jogo, na suntuosidade de sua resistência. Há enormes formações rochosas, sem dúvida remanescentes de um período glacial. Essas rochas, as maiores que já vi no Quebec, estão cobertas de musgo e pequenos arbustos, cheios de insetos. As árvores derrubadas, cujos troncos chegam a ter um metro de largura, são habitat para os anfíbios. As árvores são extremamente velhas para uma floresta de Quebec - muito altas, nodosas, com os galhos se abrindo apenas nas pontas, o que é estranho para árvores de bordo tal como as conheço de outros lugares. A arte da persistência está bem à vista. Mas no emaranhado, algo mais está em ação - uma teia relacional em fluxo contínuo alimenta o campo. Mais ainda: ela o produz.

O modo como as coisas prosperam não pode ser mapeado de maneira restrita, definida pelo útil.

Sustentando o rosto com as mãos, na relação, especulativamente sintonizado, as mãos agem mais como amplificadores do que como bloqueadoras.

Este gesto não se refere primordialmente sobre a visão, apesar da visão também exercer seu papel. Ele está sintonizado mais próximo daquilo o que Tina Campt chama de “frequência”, uma sintonia que amplifica a natureza da experiência, para aquilo o que é sentido, hapticamente dentro e a respeito do entorno. Na sintonia de tudo o que está aqui-agora, ele alcança a frequência do devir (Campt, 2021, p. 127).

### *Cena 3*

A arte da vida é a capacidade de fazer diferenças. É a modalidade em campo, pois para que a vida exceda a forma que ela aparenta ter. É a maneira como o mais-que das árvores, das rochas, das florestas, alcança os sentires, expondo todas as teias através delas.





Cortar, limpar, no ethos do emaranhado, não pode ser simplificado pelo conceito de extrativismo. Cortar, nessas condições, não é limpar, é subtrair, é esclarecer. É amplificar, no entorno sônico, a capacidade do ambiente de prosperar. É ver-sentir sua verve.

A valiação emergente recusa a postura onipotente do investigador. Whitehead a denomina de "razão especulativa", para enfatizar a diferença entre o reducionismo, que leva ao aspecto fatal da resistência como valor final de sobrevivência e a qualidade do mais-que que produz um "substrato conceitual", que afina a existência em direção a apetência dos apetites (1958, p. 23). A razão especulativa atribui valia emergente, enfaticamente recusando as limitações de tudo o que acostumamos a prever. A razão especulativa nos move a suspensão de nós mesmos. A vida-vivida torna-se nós.

A anarquia opera nessa "regulagem reversa", "reversa" no sentido de que sua regulagem está mais próxima de um *agenciamento*, de uma compilação de tendências que potencializa mais do que se dá conta (Whitehead, 1958, p. 25). O objetivo aqui não é chegar à forma final, estabilizar. A intenção é mirar, estar em processo, e assim, enredar-se ainda mais nas relações que permitem aquela qualidade de inclinação que permite que a vida dê pé, a seu modo.

#### *Cena 4*

Em uma filosofia do puro sentir<sup>4</sup>, o sentir é o que impulsiona a experiência. O sentir não é pessoal - não é "meu". O sentir é o momentum da artisticidade da vida. O sentir transforma a existência em qualidade (Whitehead, 1978, p. 87-88).

Essa orientação à filosofia processual recusa a razão como moderadora, mediadora, da existência-editada (*existence-culled*). valiação dada pelo devir da razão é o tom do sentires. Essa qualidade vibracional não é um excedente da forma: a forma é nada mais que um ângulo de sua atividade: a força da forma. O que vemos à distância nunca é seu pulso. Para *ver-sentir*, novas qualidades de encontro precisam ser praticadas. Com os joelhos na rocha, o nariz no musgo, a floresta é nós(sa). O distantismo nos fez crer que estar aqui seria estar "de volta" à terra.

Nós sempre estivemos aqui, no meio.

#### *Cena 5*

A anarquia perturba a paisagem. O que é visto e sentido não pode ser reduzido ao enquadramento. De fato, o enquadramento nunca foi um enquadramento, mesmo. Era uma

---

<sup>4</sup> Alfred North Whitehead descreve a filosofia processual como uma filosofia do puro sentir, em oposição à noção Kantiana da filosofia da razão pura (1978, p. 113).



ação semelhante a tapar os ouvidos para escutar melhor ou fechar os olhos para ver melhor. As técnicas de sintonia precisam ser aperfeiçoadas.

A valiação emergente do processo exige técnicas. Ele deve permanecer “livre dos obstáculos de um método” (Whitehead, 1958, p. 61). As técnicas são práticas. Não há apenas um modo para o gesto de selecionar-pela-intensidade. Cada ambiente tem sua qualidade de movimento, seu ângulo de existência. O caminho deve ser traçado de novo a cada vez. Sem respeito pela anarquia de tudo o que excede a forma assumida pelas coisas, há apenas extrativismo. Ao chamarmos as técnicas de enquadramento da razão especulativa, no ver-sentir neurodiverso que desafia os modelos extrativistas neurotípicos dominantes da existência capacitista, a motosserra funciona cada vez mais como um instrumento ágil que amplifica a complexidade, ao invés de ser uma ferramenta de destruição contundente. É preciso dizer: a neurodiversidade não é redutível a uma pessoa, é um modo, uma modalidade que põe em risco a hierarquia sistêmica de tudo o que a neurotipicidade valoriza, ou seja, a branquitude, o colonialismo, o capacitismo.

Enquanto caminhamos juntos, subindo em árvores caídas, sou levado a outra forma de estar na floresta, uma forma que conversa tanto com o espaço que nos contorna quanto com seu tempo.

Na força anárquica da valiação, o que é desenhado pelo corte também é uma linha do tempo. Cortar é abrir a floresta para a exposição de mais de uma fórmula de compasso, de mais de um ritmo. Essa não é uma questão de escala, mas de metaestabilidade: diferentes ritmos de existência em co-composição. A floresta espiraliza o espaço-tempo em sua vivacidade adiante.

Nós não falamos de nada disso enquanto nos esforçamos pela trilha morro acima. Eu ainda o sigo, observando de perto quais árvores foram limpas, quais os galhos foram empilhados para serem resgatados posteriormente e quais são designados a permanecer no chão para criar um novo habitat. Não temos uma linguagem filosófica que nos una, nem mesmo uma linguagem ecológica. Não sei como dizer o quanto é importante para mim que essa floresta antiga continue a prosperar. Mas sei que seu toque é suave e que há, em cada movimento adiante, em cada gesto de reconhecimento do entorno um cuidado com tudo o que vive, artisticiosamente.



### Parte 3

#### *Cena 1*

As cores do longo inverno existem em um jogo de luz e sombra. Os tons de claro e escuro nas camadas de neve e gelo, um leve toque de verde azulado, um reflexo dos céus frequentemente ensolarados, brilhando no clima que marca trinta graus negativos, os verdes contrastantes das plantas perenes, a qualidade da casca, marrom escuro, cinza e verde- tudo isso colore o campo. Com o ar cortante, excruciantemente frio, vem uma certa tonalidade, a densidade entra na dança, a luz se torna volumétrica, menos monocórdica, mas em ritmo moderado, uma baixa frequência, intensa em seu movimento.

A cor é movimento, imbuindo-se mais do que pintando o ambiente.

Com a explosão da primavera crescente, um novo ângulo do sentimento-tonalizante da cor permeia a paisagem, sua vivacidade é tão olfativa quanto visual. A lama espessa, a remanescência de mais de um metro de neve, nos afunda no húmus da floresta em regeneração. Flores silvestres logo tomarão conta, uma surpresa, sempre, em sua impaciência persistente em povoar a nudez que sucede o inverno estéril. Paul Cézanne escreve sobre "sensações de coloração" que "dão luz" (Cézanne, 1978, p. 123)<sup>5</sup>. Josef Albers fala sobre a "ação da cor" sobre o sentimento de "relação entre as cores" (Albers, 1963, p. 1). Que a cor é movimento é um lembrete que ela se encampa no excesso da visão, na opacidade da relacionalidade, uma ação que nunca pode ser situada no distanciamento de uma separação corpo-mundo. A cor é um movimento relacional, não um objeto. A cor é abstração vivida, atuação indeterminada, movimento de forças em contato tênue. Quando lhe perguntam como ele produz essa matéria vibrante, Cézanne responde que é a natureza que nos dá os meios para alcançá-la (Cézanne, 1978, p. 123).

A cor é um plano de existência, um tom-sentido sintonizado em uma frequência que não é redutível à pigmentação - ao vermelho, ao azul ou ao verde. A cor não pode ser vista separadamente. Ver-sentir a cor é estar na frequência de sua adjacência. Cézanne fala de "fusão", de "calor prismático". "Apenas volumes importam. O ar entre os objetos para pintar bem. Tal como a sensação entre os pensamentos para pensar bem" (Cézanne, 1978, p. 124).

O mundo que colore a si é o especulativo em ação, a interação afetiva da teia relacional. Esse tom-sentido é encontrado afetivamente. A primavera chega com a sensação de tudo que flui nos entremeios, o efeito florido que não se reduz a nenhuma planta em

---

<sup>5</sup> Tradução nossa a partir da tradução da autora, do original em francês.



particular. Na arte do bem-viver o colorido do mundo acena com vistas que promovem novos modos de corpar. Não se trata de sustentabilidade: é transversalidade<sup>6</sup>.

### *Cena 2*

As três ecologias sobrepostas: a social, a conceitual e a ambiental. Não são 1+1+1, mas a produção de subjetividade emaranhada, em todos os planos da existência. A razão especulativa pulsa esta produção ao ato, averiguando o campo em sua acuidade, encampando um plano de fundo daquilo o que se destaca. Outra maneira de dizer isso: somos feitos nos interstícios da sobreposição, a subjetividade produzida ambientalmente em nós, por meio de nós. Qualquer categoria de humano é um sonho do distantismo, um sonho que mata (a vida)<sup>7</sup>. A ecologia é essa terceiridade, esta qualidade entre e além de uma utilidade/ nos-idade<sup>8</sup> que sempre diferencia-se de si mesma. Somos coloridos por este encampamento, “nós”, a força de tudo o que nos excede, de tudo que nasce de uma excursão até a montanha, na verve de nos reduzirmos. A razão especulativa nos faz: nós somos sua valiação emergente, nós, a natureza.

Na cor movente há apenas o movimento relacional, seus contornos anárquicos, um insulto a qualquer comprometimento com a representação do útil. A arte da vida direciona-se a amplificação, ao excedente, num ethos de uma pragmática da inutilidade.

A tentação, na claridade posta pelo do distantismo, é torná-la útil de uma maneira específica que moraliza a terra e nosso “retorno” a ela. Torná-la comestível. Torne-se independente. Denomina-se um sobrevivencialista.

Mas não há independência na paisagem do entorno emaranhado. O tom-sentido da existência transversalizando-se é relacional, sempre e sempre.

A natureza: “tudo o que é encontrado por procedimentos criativos podem ter sido construídos processualmente como se já estivessem operantes” (Massumi, 2011, p. 12, tradução nossa). Estar em operação: filosofia ativista. “Em última instância, o pensamento do pragmatismo especulativo que é a filosofia ativista pertence à natureza. Sua política-estética compõe uma filosofia da natureza. As artes na qual ela se exhibe são as políticas da natureza” (Massumi, 2011, p. 28, tradução nossa).

<sup>6</sup> “Estar em companhia daquelas pessoas me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar seu roubo de nossa ideia de natureza” (Krenak, 2020, p. 20).

<sup>7</sup> O escritor e líder de movimento indígena Ailton Krenak, do povo Krenak, escreve: “em 2018, na iminência de sermos atacados por um novo establishment político no Brasil, 10 pessoas me perguntaram: ‘O que os índios vão fazer diante de tudo isso?’ Eu disse: ‘Os índios têm resistido durante 500 anos. Estou muito mais preocupado com os brancos e com o que eles vão fazer para saírem desta situação’” (2020, p. 35-36).

<sup>8</sup> NT: Aqui a autora faz uso de us-ness, jogando com a debilidade sonora, unindo o termo utilidade (useness), algo útil, contraposto à nós (us), acrescido do sufixo *ness*, revelando uma qualidade na conjunção coletiva.



A natureza como arte atual: *aesthesis*, sensação nas dobras, sensação-sentida, destacar-se pela suspensão de si. “Na filosofia ativista, ser é ser sentido” (Massumi, 2011, p. 20, tradução nossa).

### *Cena 3*

A valiação emergente em seu limite especulativo - o tom-sentido da existência, na cor movente, é o naturante da relação, a natureza da relação.

A natureza da relação é unívoca. O seu poder é não ser passível de sistematização, é não haver separação entre o que é e como age. Não há partes na natureza, nem agregados. “A ordem da natureza é singular e única, em toda parte ela é um poder singular de ação; o ser afirma-se no sentido singular para modos múltiplos que diferenciam-se infinitamente. A unidade do ser substancial definitivamente não é uma instância unificadora. Ao invés disso, ela aparece na unicidade do potencial, que é expressada em muitas gradações, proporcionais aos modos existentes” (Combes, 2020, p. 152, tradução nossa).

Apoiando-me em Espinosa, enquanto inclina-se a Simondon, Muriel Combes amplia a qualidade de carregamento da unicidade da natureza, sua força pré-individual. O pré-individual não precede o individual. É a qualidade de existência que transduz a individuação em todos os níveis.

### *Cena 4*

Ele pausa, tomando fôlego enquanto mexemos nos troncos, ainda escalando, erguendo galhos mortos das linhas-tubo da seiva, liberando-as dos resíduos. Ele olha o entorno, seca sua testa, pega um cigarro. O cachorro corre ao nosso redor, tentando nos convencer a entrar na brincadeira. Mas estamos muito cansados para lançar seu graveto para longe, então nos sentamos um pouco. Ele indica um cogumelo, aponta para um cogumelo-chaga na bétula. Eu mal posso enxergá-lo. Falamos sobre todos os modos como ele pode ser usado enquanto medicina, infusão. É possível coar café com ele, ele diz e ri. Ou ao menos, isso é o que ele pensa dizer. Eu olho novamente, tentando ver.

Suas mãos diante do rosto e ele escaneia novamente, desta vez, olhando para baixo, em direção ao chalé onde cozinhamos o *maple syrup*. Agora ele está olhando para a montanha de um ângulo diferente, vendo-sentindo suas linhas gravitacionais desde o alto, movendo a cabeça na direção onde convergem as linhas de tubos da seiva. Ele aponta para uma bétula antiga, mostrando-me a infestação de formigas e os sinais de um pica-pau. A fragilidade da árvore é investigada. Nós ainda não a abateremos - ela ainda produzirá seiva por alguns anos. Mas então terá que ser retirada, ou tombará sobre os dutos.



O que ele vê-sente: a força do pré-individual trabalhando, o modo como o pré-individual esculpe o tempo, através da pressão rítmica Tarkovskyniana (Deleuze, 1989). Pois há aqui uma qualidade cinemática, a qual Klann Currie-Williams poderia chamar de imagem-póstuma - “um tipo de cultivo da persistência que se estende através da visão e do auditório simultaneamente” (2022).

Esta combinação sensorial é vivida (Motten, 2003, p. 189). Mais apreendida do que percebida, o que significa dizer, ativada na tentativa de tornar-se uma força perceptiva, a teia da relação pulsa ao ser exatamente no mesmo gesto no qual quem percebe é cultivado. Não há separação evidente: ser e devir.

A natureza natura. Os processos são tomados em atividade através da força do pré-individual que corre através deles. Nos tornamos neste interstício, nossa qualidade humana treme nas combinações sensoriais. O conjunto, a cor movente, não é um ser. “Uma individuação nunca sucede a outra” (Combes, 2020, p. 155). Não havia um humano percebendo e então a natureza naturando. “Quando as pessoas falam de imaginar um novo mundo possível, referem-se ao sentido de re-arranjar relações e espaços, introduzindo novos entendimentos daquilo o que reconhecemos como natureza, como se não fôssemos natureza” (Krenak, 2020, p. 65). A natureza não é um container. Ela é a movência em si, a força que mobiliza o pré-individual através das teias relacionais. Qualquer forma na qual ela individua está repleta do emaranhado que nela ainda se move. Somos feitos nas viscosidades dos encontros que suas preensões ativam. Nascemos de um problema posto pela natureza. “Se uma nova individuação pode ocorrer ao que já está individuado, isso se dá de acordo com uma porção pré-individual ali contida, que irá funcionar como um ponto de partida para um novo problema que chega (*problematique*)” (Combes, 2020, p. 155)

O problema mobiliza a existência. Ele é razão especulativa. Isso é o mesmo que dizer que a natureza é a qualidade de um problema ativando os campos do pensamento. Na imagem que emerge do encontro, o pensamento da natureza pode ser sentido. Isso é o que é visto-não-visto no ato de *contextualizarcolocaremprimeiroplano*<sup>9</sup>. Não se trata tanto da floresta, o que capturamos aqui, mas o pré-individual no pulso de sua composição, nossa composição pulsante. Não *umedoís*, mas *umemuitos*, unívoco.

---

<sup>9</sup> NT: aqui a autora cria uma palavra só que junta *backgrounding* e *foregrounding*, colocar em contexto e colocar em primeiro plano - destacar e contextualizar.



## Interlúdio

As individualizações da natureza nunca são redutíveis ao seu *umedeois*, 1+1. Não são um lugar nem um estado. “A natureza [...] é exatamente essa capacidade, no estado das coisas, que torna possíveis outras individualizações possíveis” (Combes, 2020, p. 156). O problema operativo na natureza, sua *problematique*, é o movimento que a mobiliza em natureza. O Movimento - na cor movente - é uma ameaça ao status quo. Ele violenta todos os clamores pela propriedade. Ele não pode ser possuído.

“Concretude fora de lugar” é a plataforma onde apoiamos o colonialismo em andamento, que nos assenta, aqueles de nós que reinam, que se mantém fora da natureza, que extraem dela em benefício próprio (Whitehead, 1978, p. 7). A branquitude se desenvolve sobre esta falácia da concretude deslocada que “consiste em negar o grau de abstração envolvido quando uma entidade atual é considerada meramente até o ponto em que exemplifica categorias do pensamento” (p. 7-8). Na branquitude sistêmica isso pinta a natureza como um lugar para o extrativismo, um lugar de onde tomamos (prazer, riqueza), apesar de ser reduzida a noção mais esgotada de utilidade. Tomamos aquilo que não está ali para ser tomado, “os administradores corporativos da sustentabilidade tornaram-se os sacerdotes de uma nova ordem planetária, advogando algo a seus funcionários que os mesmo não podem praticar, dada a própria natureza de suas ações” (Krenak, 2020, p. 21).

## Parte 4

Em meio a tudo, o problema acentua-se. O problema é a contra-agência e a atração, o brilho de tudo o que move a vida em direção à arte de viver. A natureza é sua razão especulativa, não como estado, mas como conduto.

Esse conduto não pode ser visto. Ele não é de ordem do visual, se o visual for entendido como sendo separado da visceralidade do sentido. A natureza não é distantista. Ela não tem um único ponto de vista, nem perspectiva preexistente. “Qualquer agitação local abala todo o universo” (Whitehead, 1968, p. 138).

A natureza naturante é um tom-sentimento, transmutado não de uma forma a outra, mas entre fluxos. “Não há natureza além da transição” (Whitehead, 1968, p. 152). Fortalecida com a força pré-individual, a natureza é indiscernível enquanto tal, isolada momentaneamente nas mãos de um enquadramento, mas sempre em excesso de qualquer captura verdadeira.

Isso não quer dizer que a natureza escape de todas as tendências estabilizadoras. Há, evidentemente, repetições infinitas no curso de histórias de crescimento e decadência,



mas o que se destaca mais enfaticamente é como ela se difere. Essa borda especulativa é sua porção anárquica.

Em sua forma mais abstrata, nas fronteiras especulativas de como a natureza se excede - como ela é excessiva - a natureza naturante revela a capacidade de diferenciar-se. A razão especulativa opera aqui, seu “apetite pela apetência” expressa a criatividade mais flamejante da natureza (Whitehead, 1958, 33). O apetite pela apetência é a valiação emergente em seu limite mais exuberante. Suspendendo as restrições do que é pragmático, a existência eclode plena de potencial especulativo.

Em seu limite, “um fator anárquico” se agita (Whitehead, 1958, p. 33). O anárquico impulsiona no reverso das expectativas de que a natureza deve permanecer em seu lugar, que ela deve manter seu jeito de tomar forma enquanto lugar. Não há lugar no pulso anárquico da vida fazendo a si mesma. Há apenas paisagens relacionais (Manning, 2009). “Para além da apetição anárquica, a natureza estaria condenada a reduzir-se lentamente ao nada” (Whitehead, 1958, p. 34).

## Parte 5

A permacultura, às vezes entendida como "agricultura permanente", outras vezes como "cultura permanente", tem como premissa a sintonia com a terra, e com aquilo o que define como modos da natureza, o longo braço da história sempre voltado para um passado em que a terra ainda não precisava de regeneração. Suas aplicações são sensatas e inventivas, seus modos de conhecimento são, na maioria das vezes, legados de séculos de experiências indígenas. Sua aposta? Olhe para as coisas de um ângulo diferente<sup>10</sup>. Capture uma inclinação e siga seu fluxo. Encontre a orientação e irrigue a partir daí. Cresça em companheirismo. Interesse-se pelo que floresce. Faça disso um limiar. Desista da linha rígida, da cerca. Plante o compartilhamento no processo. Deixe que o limiar o atraia.

O projeto de terra 3E segue muitas das propostas da permacultura. Mas um problema incômodo se apresenta em um de seus principais motores: o redimensionamento de escala.

O apetite da natureza nunca é o de aumentar sua escala, se o aumento de escala for entendido como uma modalidade que promove o crescimento de um sistema por meio da replicação, de modo que o sistema possa operar em mais de um tipo de constituição. O desejo da natureza é diferir em um ethos de pragmatismo especulativo. Em sua multiplicação de condutos, sua orientação é para a avaliação emergente do emaranhado de

<sup>10</sup> Disponível em: [https://m.facebook.com/watch/?v=448988392893391&\\_rdr](https://m.facebook.com/watch/?v=448988392893391&_rdr)





relações em sua complexidade local. Seu objetivo: como prosperar na interconexão. Na recusa viva por qualquer conceito de sobrevivência do mais forte, a criatividade da natureza fomenta uma infinidade de tempos e espaços sobrepostos.

A natureza naturante nunca é um todo coerente. Nessa coletividade emergente de vida-vivente, não há limites. O aumento de escala exige processos entrelaçados. E requer que fiquemos do lado de fora.

Na floresta, na terra, devemos ter cuidado para não (trans)plantar a nós mesmos. Nossos jardins devem permanecer especulativos, seu desejo por variar é mais forte do que a nossa vontade de aumentar sua escala. Porque escala sempre significa estabilidade, e estabilidade implica redução, uma diminuição da arte da vida que alcança, infinitamente, para além de si mesma.

A sustentabilidade tem o cheiro da decadência. Parece o menor denominador comum de uma prática que deixou de ser natural. Nesse padrão de espera, um certo nivelamento é realizado. Uma metodologia é estabelecida para que os processos possam ser simplificados. Dizem que é um mal necessário. Sempre encontramos maneiras de nos subtrairmos da diferença ao domesticar a natureza.

É tentador, em uma época de devastação ecológica, procurar soluções ("o problema é a solução"<sup>11</sup>) e mapear essas soluções em processos que possam ser escalonados. Não há dúvida de que as monoculturas do mundo (e da mente) estão se tornando cada vez mais complexas, como diz o cofundador da permacultura David Holmgren<sup>12</sup>; estão sufocando a vida. Faz sentido querer fazer um esforço para tornar mais legíveis as práticas que até agora estavam limitadas a alguns quintais, a uma fazenda aqui e ali. Mas será que essa necessidade de legibilidade, esse desejo de mapear o processo na utilidade, não é parte do problema?<sup>13</sup> Será que realmente queremos dar sentido nestas condições? Em vez disso, não deveríamos estar na aesthesis, na filosofia ativista, na exuberância de um sentido demasiadamente exaltante para tornar-se comum? O aumento de escala não é a sentença de morte da porção anárquica que amplia as diferenças?

Doze princípios direcionam a permacultura. Seu ethos: cuidado (com o planeta, com as pessoas, com o sistema, sob a forma de um retorno do excedente para as pessoas que mais precisam dele). Em sua melhor forma - uma cultura de abundância. Os princípios que orientam o ethos são vividos em uma sintonia com o que já está em andamento.

<sup>11</sup> "O problema é a solução" é um princípio central da permacultura. Veja: Bill Mollison, *Permaculture: a Designer's Manual*. Sisters Creek: Tagari Publications, 1988.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://holmgren.com.au/writing/the-problem-is-the-solution-but-solutions-can-turn-back-into-the-same-old-problems/>.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://holmgren.com.au/writing/the-problem-is-the-solution-but-solutions-can-turn-back-into-the-same-old-problems/>.



Comece se engajando, em uma postura de curiosidade. Oriente-se para onde e como a energia está disponível ou desperdiçada. Torne-se ciente das formas passivas para amplificação de recursos energéticos. Esteja ciente de que os problemas podem ser soluções (e que as soluções podem ser problemas). Comprometa-se com as energias renováveis e não produza resíduos. Sintonize-se com os padrões e integre-os sempre que possível. Seja curioso com relação a soluções menores e mais lentas. Interesse-se pela diversidade. Valie os limites. Seja ágil diante das mudanças<sup>14</sup>.

A vontade pelo escalonamento é a margem sombria das soluções menores e mais lentas, dessas linhas de orientação ética que celebram as qualidades ágeis da experimentação. O problema é: escalonar não implica apenas em crescer mais. Escalonar é mudar as modalidades, importar preocupações metodológicas para um processo que vem de fora de sua orientação orgânica, impor a ele um sistema de valores que coincide de forma mais assertiva com um relato já existente dos valores dados à existência.

Apesar desses perigos muito reais e de haver consciência sobre suas limitações nos círculos de permacultura, a tentação de trazer o processo para as tendências principais da corrente continua forte, com o objetivo, é claro, de mudar os caminhos da agricultura de monocultura e nossa dependência de combustíveis fósseis. Essa atenção à escalonagem pode ser sentida em quase todas as reuniões dos fundadores da permacultura, convidados a falar sobre seu futuro e o futuro do planeta. Um exemplo disso é uma discussão dos "bioneiros", de 2022 sobre o escalonamento da permacultura, moderado por Penny Livingston<sup>15</sup>. A Terra está "fora de controle", começa Livingston. Devemos usar as ferramentas da permacultura para "virar a nave terrestre", passando da "degradação ambiental" para a "regeneração ecológica". "Nós podemos", diz ela. "Os problemas são cada vez mais complexos, mas as soluções são embarçosamente simples". A questão é: "será que temos a vontade política e econômica para fazer isso?"

No painel, Maddy Harland, David Holmgren e Mark Shepard compartilham suas ideias sobre o "escalonamento". Holmgren inicia com hesitação. A escala é uma preocupação em sua abordagem, mas ele permanece mais ambivalente do que os outros. Seu mantra operacional continua sendo "mudar o mundo, uma família de cada vez", ao que parece, mas menos pelos motivos que sugeri anteriormente do que pelo fato de ele ter visto poucas evidências de que o aumento de escala funciona. "Soluções pequenas e lentas podem estimular e alavancar mudanças em maior escala", diz ele. Livingston responde à sua

<sup>14</sup> Disponível em: <https://earth.fm/blog/permaculture-principles/>.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DNrLqdNQNBE>.



fala sobre diferentes cenários (no oceano, em subúrbios, na floresta), desconsiderando sua ambivalência.

"Todas essas são soluções incríveis que podem ser aplicadas em escala. Apenas para ilustrar que podemos dar conta disso". Quando chega a sua vez, Maddy Harland fala sobre hortas escolares comunitárias, aumentando a escala de alcance ao levar o conhecimento da permacultura para o currículo. "É preciso despertar as pessoas para as possibilidades, para que vejam as coisas como sistemas e não apenas como entidades distintas, para que pensem em longo prazo". Ela enfatiza a necessidade de uma participação justa como cuidado futuro, plantando para as gerações vindouras. Mark Shepard interpreta a cultura agrícola permanente como a agricultura que trabalha com o ethos da mudança pequena e lenta, regenerando a terra "usando o manual da natureza". Assim como os outros palestrantes, Shepard retorna a uma imagem de pré-colonização, uma época anterior aos combustíveis fósseis, anterior à degradação da terra. "Se quisermos alimentar dez bilhões de pessoas", diz ele, discutindo o "processamento de produtos em escala", "e gerenciar economicamente nossas pequenas propriedades, precisamos trabalhar coletivamente". Só então poderemos "realmente colher esses lucros e pagar as contas".

"Sim, nós podemos! Sim, inequivocamente, podemos, porque nós o fizemos! Uma família pode comprar uma propriedade 100% financiada e podemos convertê-la [...] em apenas quinze anos enquanto pagamos nossas contas [...] colaborando com outras pessoas [...]".

Não se trata de criticar o escalonamento ou sugerir que o crescimento é sempre um problema. Outros modos de vida exigem pensamento sistêmico. E a orientação da permacultura para o aumento de escala é muito mais sensível do que a maioria, ante os lastros potencialmente fatais deixados pela estabilização de processos. A permacultura é, em grande parte, comunitária e resistente à monocultura. Nesse sentido é infinitamente mais interessante do que encontra-se atualmente em andamento na monocultura de nossas vidas. Mas ainda há uma forte tendência em manter a separação corpo-mundo que coloca o ser humano fora da natureza, que pretende observar o que a natureza pode fazer por nós. Não é tão simples. Esses são profissionais cuidadosos, bem informados e comprometidos, cujo trabalho é muito significativo. Em sua retórica, afirmam continuamente para que evitemos a construção de novas estruturas, para a importância de trabalhar com o que já existe, para reconhecer proposições emergentes no processo caótico de mudança, para manter a visão de longo prazo em direção a sete gerações. Ainda assim há uma sensação de que a única maneira de o trabalho realmente fazer diferença é se ele for validado em escala, nos regimes maiores, em modalidades que já são reconhecidas. "Você está trabalhando



dentro de um sistema existente", repete Livingston, balançando a cabeça para enfatizar a importância de ser realista diante das coisas. "Mostre-me outra economia", responde Shepard, reconhecendo coletivamente que o que temos é o que temos. Senso comum. "Erga-se e resolva os problemas reais". "Na real".

Na defesa pelo fortalecimento de redes viáveis economicamente em prol da mudança agrícola, Shepherd chega a alertar sobre a possibilidade de "nos percebermos como escravos de uma outra colônia penal", enfatizando o imperativo de "mantermo-nos unidos [...] e começar a comprar propriedades agrícolas [...] [para formar] um núcleo central [...] que produza o suficiente para nos alimentar e criar um excedente para venda e comércio". Um certo tipo de sobrevivencialismo se destaca, assim como sua branquitude. Holmgren responde: temos que "fazer algo real, levar a sério o futuro [...] Concentrar-nos mais no que é necessário em nível pessoal, doméstico e comunitário". "Não contar com essas estruturas externas para cuidar de nós", responde Sheperd.

Em *As We Have Always Done* (2017), Leanne Betasamosake Simpson oferece um caminho alternativo para princípios semelhantes, mas com uma diferença importante. A diferença é que na pedagogia Anishinaabe da terra, o aprendizado sempre se desloca para fora, além do aluno, além do indivíduo, para dentro da própria terra. Não há escala nesse relato de como a natureza natural, nenhuma delimitação de local, nenhuma redução da natureza à terra. Nas "imaginações radicais fora dos sistemas de dominação", o que é proposto no relato de Simpson não é uma nova natureza da terra, mas uma sintonia com os modos de vida que a terra, como pedagogia, sempre - já promove (Simpson, 2017, p. 10). É uma questão de ouvir, de sintonizar como as histórias que são mapeadas em um tempo desmedido facilitam os encontros. "É fundamental evitar a suposição de que essa história se passa em tempos pré-coloniais porque as concepções Anishinaabe de tempo e espaço intervêm continuamente no pensamento linear" (Simpson, 2017, p. 152). "Meu principal motivo para adiar o fim do mundo é que sempre temos tempo para mais uma história. Se conseguirmos arranjar tempo para isso, estaremos sempre adiando o fim do mundo" (Krenak, 2020, p. 36). "As estórias direcionam, inspiram e afirmam códigos de ética ancestrais" (Simpson, 2017, p. 152).

As histórias não têm escala, suas fabulações são intercessoras da reinvenção contínua do mundo. Gestos menores em sua capacidade de variar, histórias são refeitas ao serem recontadas. Elas estão localizadas em seu encontro com o mundo como motores para a mundificação. "A viagem de Nanabush narra a paisagem com conhecimentos relacionais. Quando os Anishinaabe veem uma bétula, reconhecemos uma biblioteca de histórias envolvendo bétulas" (Simpson, 2017, p. 184). As histórias não são um simples



desdobramento do passado no presente, elas são uma reunião de “betulidades” ante as paisagens relacionais de nossos tempos. "Há uma organização do tempo e do espaço que diferencia-se daquelas do mundo colonial - são diferentes planos de realidade. A ordem implicada, se você quiser usar este termo, influencia e entrelaça-se com a própria realidade física criada continuamente. [...] Nossas histórias sempre falaram sobre o futuro e o passado ao mesmo tempo" (Simpson, 2017, p. 201).

O escalonamento, apesar de advir do desejo louvável de levar os princípios ecológicos a uma diversidade maior de ambientes, privilegia o gesto grandioso, a linearidade temporal e as modalidades de valiação perceptíveis nessa escala. Na avaliação do que conta como diferença, o binário entre o local e o global é mantido, assim como a separação colonial entre corpo e mundo. Isso segrega o aspecto agrícola da permacultura do seu aspecto cultural, colocando em primeiro plano o valor de uso sobre todo o resto. Isso ocorre apesar de os praticantes da permacultura citarem cuidadosamente sua dívida com os princípios indígenas e falarem continuamente sobre a necessidade de viver orientando-se para o futuro na linha do tempo indígena de sete gerações adiante. A razão especulativa é deixada de lado aqui, a valiação emergente da transversalidade das três ecologias retrocede em favor da razão em suas limitações mais normativas. Onde a razão especulativa sintoniza com o "murmúrio" da existência, a razão normativa "prescreve o método", "uma faculdade divina que julga e compreende" (Whitehead, 1967, p. 222; 1958, p. 10). "Há a Razão, que se afirma como acima do mundo, e há a Razão como um dos muitos fatores no mundo" (1958, p. 10).

Gestos menores trazem uma proliferação de variações para sistemas que, de outra forma, estariam bloqueados. A razão especulativa é o recheio conceitual que os coloca em operação. Seu valor imanente é determinado por seu sentimento sobre a arte de viver. São os gestos menores que promovem as valias emergentes a arte do bem-viver, seu movimento incipiente ativo nos interstícios das margens endurecidas dos modos de engajamento estáveis. Re-orientadores pontuais, eles são forças fabulatórias para outros modos de existência. A natureza está repleta de gestos menores.

Quando Simpson escreve que "estar junto a terra é uma prática altamente intelectual, uma interação viva entre o coração, a mente e o movimento", ouço a força transversal das três ecologias, a social, a conceitual e a ambiental em jogo (Simpson, 2017, p. 215). No pulso de gestos menores que animam o infraterreno do n-1 de sua terceiridade, uma "recusa generativa"<sup>16</sup> põe-se em jogo, uma recusa a segregar, avaliar, ficar do lado de fora olhando para dentro, com a postura distantista de um colono pronta. A produção de

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.quora.com/What-is-Permaculture-Prin-ciple-Zero> .



subjetividade que atravessa essa terceiridade não pode ser mapeada em nenhuma formação capitalista preexistente (Simpson, 2017, p. 242). Sem dúvida, a natureza em sua trama 3Ecológica também está imbricada em todos os horrores de como a vida se reduz - ao capital, à branquitude, à colonização -, mas não nasce de um impulso em reduzir a existência à resistência de nossas baixas expectativas. Simpson nos ensina o seguinte: a natureza pensa, e seu pensamento pulsa em nossos atos. Romper com esse modo é arrancar violentamente a existência de sua força exultante.

O conceito de escalonamento só pode existir lado a lado e dependendo de sistemas existentes e, portanto, sempre que ele surge - mesmo que com relutância - entre os líderes da permacultura, o que ecoa em suas manobras é o mundo tal como ele é. A razão enquanto investigação, metodologia, colonialismo, é difícil de ser alterada. Não há vida nela.

Os ensinamentos indígenas nos levam por um caminho diferente. A recusa generativa na sua compreensão do imbricamento entre terra a terra e a vida, reconhece que “os humanos requerem o maior auxílio para viver, dentre todas as demais criações, e neste sentido, temos a menor fundamentação, poder espiritual e influência” (Simpson, 2017, p. 243). O humano não é central.

Há uma tentativa de chegar aqui aos círculos de permacultura, e ela é chamada de "permacultura zero". Entendida como o princípio antes de todos os princípios, a permacultura zero argumenta que temos feito demais e que o nosso fazer está causando mais problemas do que soluções<sup>17</sup>. Brian Fey, praticante de permacultura e criador do termo, explica: "criei o Princípio Zero da Permacultura, 'Não fazer nada', há algum tempo, depois de ler sobre muitas 'soluções' de permacultura que pareciam ser uma perda de tempo, baseadas na falta de ciência e na má contabilização do uso de energia dentro do sistema"<sup>18</sup>. "Economizar energia" ao "não fazer um projeto" é a forma como a permacultura zero é narrada, uma "regressão aos meios", muitas vezes considerados como uma solução melhor. "Não fazer nada", imaginado por Fey recostado em sua cadeira com os olhos fechados, é conceitualizado como "esperar" - "esperar até que [um caminho] apareça[...] Se você não tem onde ir, não há motivo para correr para lá". “Pare e sinta o cheiro das rosas’ é uma expressão comum sobre o valor de simplesmente parar e desfrutar de um momento, uma hora, um dia ou mais, quando necessário"<sup>19</sup>.

A permacultura zero luta contra a mesma tendência colonial que coloca o homem contra a natureza. Há, nessa abordagem, um reconhecimento da abundância que já existe, mas a questão do ser humano é grande. O não fazer ainda é narrado em termos de

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.quora.com/What-is-Permaculture-Prin-ciple-Zero> .

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.quora.com/What-is-Permaculture-Prin-ciple-Zero> .

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.quora.com/What-is-Permaculture-Prin-ciple-Zero> .



atividade humana. A natureza ainda está lá para ser contemplada, ante a destruição ecológica que sofre sob nosso domínio.

Cada praticante assumirá isso de forma distinta, mas o perigo do ethos permanece ao fazer-se ouvir na contínua divisão entre natureza e cultura que não para de reforçar: para muitos, o "não fazer" se tornará um mantra para o "cuidado consigo mesmo", uma maneira de manter a separação entre corpo e mundo. "Não se esgotem [...] Guardem a metade de si e de suas vidas para o prazer e a aventura", "por favor, assegurem seu próprio oxigênio, faça primeiro antes de ajudar aos outros", "esta ação de 'cultivar legumes' [...] muitas vezes encorajava e reforçava em mim atitudes que não eram nada sustentáveis"<sup>20</sup>. O "não fazer" torna-se uma volta para dentro, um "retorno" ao "nosso eu interior e ao nosso próprio corpo"<sup>21</sup>. Dicotomias dentro-fora são nada menos do que o primeiro método para reafirmar a separação corpo-mundo. Se o que o "Zone Zero" nos ensina é prestar atenção em nós mesmos como o outro na natureza - "Eu prestei mais atenção ao jardim do que ao meu próprio bem-estar [o que] me levou a problemas no joelho que recentemente me impediram de praticar jardinagem"-, em última análise, ele está apenas nos ensinando a permanecer coloniais em nossas tendências de sermos colonos, profundamente arraigadas<sup>22</sup>.

Em uma carta coletiva intitulada "*Whitewashed Hope*"<sup>23</sup> (Esperança embranquecida), um grupo de líderes indígenas aborda este problema, da regeneração da terra na retórica da permacultura, e continua a reforçar o humanismo em toda sua branquitude colonial. "Onde está a natureza?", perguntam, referindo-se à tendência de a natureza ser colocada "fora" da experiência corporal. "A natureza é vista como separada, externa, ideal, perfeita. Os seres humanos devem praticar a 'biomimética' (a imitação da vida) porque existimos fora da vida da natureza"<sup>24</sup>.

Simpson escreve sobre uma "ecologia da intimidade", "kobade", "um elo em uma corrente [...] entre nações, entre estados de ser, entre indivíduos" (2017, p. 8). Natureza naturante: uma "teia de conexões entre si, com as nações vegetais, as nações animais, os

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.ic.org/permaculture-101-and-attending-to-zone-zero/>.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.ic.org/permaculture-101-and-attending-to-zone-zero/>.

<sup>22</sup> Há desvios dessa abordagem centrada no ser humano para a permacultura zero, mas apenas, ao que parece, quando o conhecimento indígena está centrado. Sarah Queblatin trabalha a partir de princípios indígenas e com populações indígenas em Kalinga e South Cotabato em sua implementação da permacultura zero, que ela entende como a sintonia com "o conhecimento tácito e as práticas que protegem e restauram seus ecossistemas, tendo vivido em seus lugares ao longo do tempo e através de gerações. Convidando-os a liderar e projetar as soluções que impactam nossos habitats compartilhados [para uma] abordagem mais regenerativa, e não apenas sustentável". Aqui, o não fazer parece operar em uma cumplicidade com os ensinamentos da terra. Consulte <https://www.permaculture.co.uk/articles/decolonising-permaculture>.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.culturalsurvival.org/news/white-washed-hope-message-10-indigenous-leaders-and-or-ganizations>.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.culturalsurvival.org/news/white-washed-hope-message-10-indigenous-leaders-and-or-ganizations>.



rios e lagos, o cosmos e nossas nações indígenas vizinhas" (2017, p. 8). Este campo imanente não tem escala, nem quantificação. Não há "recursos naturais" que possam ser separados da ecologia imbricada de tudo o que vive artísticamente. Viver artísticamente, uma "recusa da validação colonial" (Simpson, 2017, p. 9), é experimentada na amplificação da razão especulativa, aquele tom-sentido que irradia da qualidade do tecido vivo. Não há colonos aqui e estar junto não implica em ser um aliado. Adjacência: "o trabalho reparador de transformar a proximidade em responsabilidade" (Campt, 2021, p. 267).

\*

1- Um jardim especulativo nunca discerne-se como um lugar. Ele situa um distúrbio, um desvio, uma reorientação que é ampla demais em sua profundidade, em sua magnitude para que possa ter uma fronteira nítida.

2- Um jardim especulativo colore a existência. "As cores apresentam a si mesmas num fluxo contínuo, constantemente relacionadas a uma vizinhança em transformação e às relações em transformação" (Albers, 1963, p. 5). A cor é contraste, relação vívida.

3- Um jardim especulativo é sempre e apenas transversal. A terra entra no estudo Provisões básicas: "em nossa leitura conjunta, estamos regressando não às atividades físicas, mas a um estado assustador, uma periferia marginal, a um emaranhado material e ao materialismo emaranhado, a uma posse sem propriedade. Essa é a metafísica negra, nossa metafísica de uma viagem des-locada através dos séculos afro-asiáticos. Nas provisões-básicas - em cada visitação e refúgio - quando lemos lentamente, quando lemos uns para os outros, quando lemos em voz alta, quando lemos juntos, conjecturamos as artes de doarmo-nos" (Harney; Thompson, 2018, p. 125).

4- Um jardim especulativo recusa a atitude sobrevivencialista. A valiação emergente inclui todas as esquinas da vida que alimentam nossas práticas. Nunca cultivamos coisas nas localizações simples de nosso imaginário de colono.

5- O tom-sentido do jardim especulativo não pode ser enquadrado: ele aparece em nossa seleção ativa daquilo o que se diferencia.

6- Um jardim especulativo impersonaliza a terra: paisagemrelacional (Manning, 2009).





## Referências

- ALBERS, Josef. *Interaction of Color*. New Haven: Yale University Press, 1963.
- AKOMOLAFE, Bayo. Let's Meet at the Crossroads. *Bayo Akomolafe* (online), May 29, 2021a. Disponível em: <https://www.bayoakomolafe.net/post/lets-meet-at-the-crossroads> .
- AKOMOLAFE, Bayo. Meditations on Black-ness. *Shelburne & Primrose United Churches* (online), April 15, 2021b. Disponível em: <https://www.shelburneprimrose.com/resources/meditation-on-black-ness-by-bayo-akomolafe> .
- CAMPT, Tina. Black Visuality and the Practice of Refusal. In: *Women and Performance*, v. 29, n. 1, p. 79–87, 2019.
- CAMPT, Tina. *A Black Gaze: Artists Changing How We See*. Cambridge: The MIT Press, 2021.
- CÉZANNE, Paul. *Conversations avec Cézanne*. Paris: Macula, 1978.
- CLARK, John Lee. Distantism. *Wordgathering - A journal for disabilities and literature*, v. 11, n. 3, Sept. 2017.
- COMBES, Muriel. On Nature. In: *Log* 49, p. 147-164, summer, 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 2: The Time-Image*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1989.
- KRENAK, Ailton. *Ideas to Postpone the End of the World*. Toronto: House of Anansi Press, 2020.
- MASSUMI, Brian. *Semblance and Event: Activist Philosophy and the Occurrent Arts*. Cambridge: The MIT Press, 2011.
- MANNING, Erin; MUNSTER, Anna; THOMSEN, Bodil Marie Stavning. *Immediation*. London: Open Humanities Press, 2019.
- MOTEN, Fred. *In the Break: The Aesthetics of the Black Radical Tradition*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2003.
- MANNING, Erin. *Relationescapes: Movement, Art, Philosophy*. Cambridge: The MIT Press, 2009.



### **Autora**

**Erin Manning** é professora da Faculdade de Belas Artes da Concordia University (Montreal, Canadá). É também fundadora do SenseLab ([www.senselab.ca](http://www.senselab.ca)), um laboratório que explora as intersecções entre a prática artística e a filosofia através da matriz da sensação do corpo em movimento. Os projetos artísticos atuais concentram-se no conceito de pequenos gestos em relação à cor e ao movimento. As suas exposições de arte incluem as Bienais de Sydney e Moscou, Glasshouse (Nova York), Vancouver Art Museum, McCord Museum (Montreal) e House of World Cultures (Berlim) e Galateca Gallery (Bucareste). As suas publicações incluem *For a Pragmatics of the Useless* (Duke UP, no prelo), *The Minor Gesture* (Duke UP, 2016), *Always More Than One: Individuation's Dance* (Duke UP, 2013), *Relationshipscapes: Movement, Art, Philosophy* (Cambridge, Mass: MIT Press, 2009) e, com Brian Massumi, *Pensamento em ato: passagens na ecologia da experiência* (Minnesota UP, 2014).

E-mail [erintango@gmail.com](mailto:erintango@gmail.com)

### **Tradutora**

**Bianca Scliar** é artista multimídia e trabalha com performance e vídeo nas intersecções entre a dança e as artes visuais. Doutora em Artes e Filosofia pela Concordia University (Montreal/Canadá) atua entre a pesquisa e a criação, investigando processos pedagógicos e de composição. É professora de técnicas corporais e danças no Curso de Teatro da UDESC, Universidade Estadual de Santa Catarina e no programa de Pós graduação em Artes Cênicas.

E-mail [bianca.mancini@udesc.br](mailto:bianca.mancini@udesc.br)

### **Direitos autorais**

Erin Manning e Bianca Scliar

### **Licenciamento**

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0 <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>



### **Modalidade de avaliação**

Convidada

### **Editores responsáveis**

Éden Peretta

Bárbara Carbogim